

IMPrensa E REGIME

RAUL PILLA

AUSTREGESILO de Ataíde, jornalista e acadêmico, atirou-se com tremenda fúria aos «indivíduos» que, não tendo feito até hoje um único projeto de lei sério e construtivo, querem salvar a república com o candomblé do parlamentarismo. O acadêmico arrancou os bordados do fardão e o imortal desceu do Olimpo para se confundir com a turba-multa que, cá embaixo, se agita e contorce na luta pela vida. Entretanto, entre semelhantes «indivíduos», alguns há que o jornalista conhece muito bem e deveriam merecer-lhe um pouco de respeito, quando mais não fôsse, pela coerência da sua vida e pela nunca desmentida fidelidade aos seus ideais.

Vilipendiado, como fui, não posso revidar a Austregésilo de Ataíde. Um vilão não terça armas com fidalgos e, muito menos, com deuses imortais. Recorro, porém, ao insuperável patrono de todos os ofendidos, de todos os humilhados, de todos os perseguidos — Ruy Barbosa. Ouçamo-lo.

«Todos os regimes — diz êle num dos últimos, talvez o derradeiro dos seus trabalhos — todos os regimes que descaem para o absolutismo, vão entrando logo a contrair amizades suspeitas entre os jornais. No Brasil, a monarquia não padeceu, sensivelmente, desse vício. Mas a república, adernando logo ao comêço da sua inauguração constitucional, como nau que mete água dentro ao sair do pôrto, simpatizou com êsses modelos e foi já, desde os seus mais verdes anos, prematurando, com a corrupção da sua primeira idade, a obra do tempo».

E, alguns períodos adiante, depois de caracterizar o presidencialismo como o regime da irresponsabilidade, onde, por isto mesmo, avulta mais a importância da imprensa como órgão da opinião pública, prossegue o Mestre incomparável: «Era mister, pois, inutilizar a imprensa, tirando a virilidade, emasculando-a na alma, jarretá-la de pés e mãos, para não atacar nem resistir, avezá-la a pôr loja de algibebe e casa de encobridelra, onde os governos sobrevestissem os rebuços das suas mascaradas, e encantoar, com as presas dos seus crimes, a verdade dos seus atos».

«O jornalismo — diz êle adiante — não perdeu todos os presidios da sua honra. Mas ainda aqui se viu que é sempre sem número o numero dos tratantes, que a ralé dos traficantes não tem conta. Ao derredor do poder formigueja a multidão venal e os governos, se algum embaraço topam, é em dar vazão ao numero de mascates da palavra escrita».

Se o acadêmico, pôsto lá no alto, julga anacrônico tal julgamento, feito há mais de trinta anos, poderei corroborá-lo com fatos contemporâneos, recentes, quase do dia, e por certo, mais espantosos, que os arrolados pelo cidadão insigne.